



Para a médica Kátia Gonçalves, a inflação na área das mensalidades escolares atingiu a taxa de 100%

Nos índices de preços, taxas mais salgadas

Na hora de pagar as contas, o aluguel, o condomínio, o clube, o restaurante, a escola das crianças e o dentista, os aumentos nunca batem nos índices de inflação divulgados. Onde estão afinal esses produtos e serviços que só sobem os 30% apontados pelos índices ao consumidor? A pergunta é cada dia mais comum entre as pessoas de classe média, cuja inflação está a léguas de distância dos números oficiais.

Como são uma média, baseada em uma cesta de consumo hipotética, os índices não refletem a inflação de cada um. Para quem tem casa própria, não tem filhos e só consome produtos da cesta básica, a inflação estaria até abaixo dos índices. Mas para a maior parte da classe média a perda no poder de compra é brutal.

Se refletisse, por exemplo, os custos da médica Kátia Gonçalves, ela estaria no mínimo em 100%. Esse foi o aumento sentido no bolso com a mensalidade escolar. "No primeiro semestre eu pagava cerca de R\$ 200 e agora já estou gastando R\$ 400", reclamou a médica.

Ela está, entretanto, entre os vilões do Plano Real. Os serviços médicos continuam a subir muito além da inflação, mesmo nos índices. Mesmo com a deflação de -0,71% do Índice Geral de Preços (IGP) de setembro, entre os aumentos coletados no varejo, os serviços de médicos e dentistas subiram 3,38%. Mas mesmo essa alta, que parece absurda dentro de um índice que fecha com inflação negativa, é completamente irreal para quem sente no bolso os aumentos.

Para o garçon Geraldo José, a inflação médica chegou a 38%, apenas no mês de setembro. Geraldo pagou R\$ 25 por uma consulta este mês, enquanto no mês passado gastava R\$ 18. Francimar Pinheiro, funcionário do Banco do Brasil, garante que sua inflação é de no mínimo 50%. "Foi desse tamanho a redução de meu poder aquisitivo", reclama. O vilão também é o médico. "Em fevereiro paguei R\$ 25 por uma consulta e este mês gastei R\$ 60. Isto é um absurdo", protesta. Com toda razão. Isso significa um reajuste de 140%, em apenas sete meses.

Para chegar até o final do mês a maioria das pessoas está tendo que mudar diversos hábitos. "Ano passado, frequentava restaurantes pelo menos três vezes por semana. Hoje em dia vou no máximo uma", conta a psicóloga Andréa Zagury.

Alguns acabaram de vez com o hábito. Depois de levar um susto com a conta de um restaurante do shopping Rio Sul, em Botafogo, o funcionário do INPS, José Ribeiro, garantiu ter cortado os restaurantes do dia a dia. "Paguei R\$ 15 por um filé com fritas. Os donos de restaurante estão extrapolando nos preços", reclama. No final do ano passado, o mesmo prato não custava nem R\$ 10, mais de 50% de inflação.

Mas não é só o supérfluo que está sendo cortado. As compras do mês também viraram tarefa difícil. A pedagoga Regina Lopes não sabe porque os preços das comidas aumentaram tanto. "Os produtos considerados da cesta básica estão congelados, mas as outras coisas estão subindo todo dia", reclama.

Biscoitos, queijos e iogurtes são os itens de alimentação que dão mais dor de cabeça na classe média. "É difícil de convencer as crianças a só comer o feijão com arroz", explicou Sandra Ribeiro, mãe de dois filhos.

Estimar a inflação pessoal não é fácil. É preciso calcular o peso de cada item de consumo dentro do orçamento. Mas todos sabem, ou melhor, sentem seu padrão de vida desabar. É essa a sensação da empresária Isabel de Mello, dona de um curso de informática: "São tantas contas que o dinheiro vai embora e a gente nem percebe".